



ENTREMEIOS DO SUJEITO-ARTE-TECNOLOGIA NO DISCURSO FÍLMICO DE *ELA* COMO/PELO DISCURSO ARTÍSTICO

Milena Beatriz da Silva (PIC/Uem), Renata Marcelle Lara (Orientadora), e-mail: renatamlara@yahoo.com.br.

Universidade Estadual de Maringá / Departamento de Fundamentos da Educação / Maringá, PR.

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES

Palavras-chave: Análise de Discurso, Cinema-arte, Ela

Resumo:

Tendo como objeto de pesquisa os entremeios do sujeito-arte-tecnologia na constituição e sustentação do discurso fílmico de *Ela*, como discurso artístico, o Projeto de Iniciação Científica – cujo percurso e resultados são apresentados neste texto – objetivou analisar o discurso fílmico de *Ela* (2013), dirigido por Spike Jonze, na perspectiva do Discurso Artístico proposta por Nádia Neckel, considerando a relação sujeito-arte-tecnologia. O percurso teórico-analítico sustenta-se no referencial da Análise de Discurso francesa e de seus desdobramentos no Brasil, ganhando especificidade no Discurso Artístico, além de estabelecer diálogos com pesquisadores da área do cinema. Com o desenvolvimento da investigação, os resultados do percurso apontam que o cinema pode ser considerado uma forma de arte, desestabilizando e funcionando como uma materialidade polissêmica, oportunizando a observação dos sentidos que advêm nessa relação.

Introdução

A temática abordada nessa investigação teórico-analítica de Iniciação Científica diz respeito aos sentidos produzidos pelo cinema-arte inscritos no filme *Ela* (2013), dirigido e roteirizado pelo cineasta estadunidense Spike Jonze. A produção cinematográfica apresenta a história de um relacionamento afetivo entre um sujeito e um sistema operacional de computador. A questão norteadora da pesquisa é: *Como o discurso fílmico,*





como/pelo discurso artístico, significa a relação sujeito-arte-tecnologia e se significa nela/por ela?

Desse modo, objetivamos analisar o discurso fílmico de *Ela* (2013), dirigido por Spike Jonze, na perspectiva do discurso artístico, considerando a relação sujeito-arte-tecnologia. Para tanto, orientados pelo referencial teórico e metodológico da Análise de Discurso francesa materialista, levantamos e discutimos as características, fundamentos e funcionamento da linguagem cinematográfica como arte, assim como conhecemos a proposta do cineasta na direção do filme *Ela*, tal como a proposta fílmica, de modo a observar a relação sujeito-arte-tecnologia, no discurso fílmico, pelo/como discurso artístico.

Materiais e Métodos

O percurso teórico do nosso projeto, no tocante ao cinema ser definido como arte, apontou, com base em Aumont e Marie (2006), três momentos que podem caracterizar/instituir o cinema como manifestação artística. Para os autores, a primeira dessas definições é institucional, que reconhece uma obra como artística, desde que essa instituição seja qualificada para isso; a segunda é intencional, atribuindo qualidade artística às obras elaboradas por um artista; a terceira, estética, relaciona o valor estético com o fato de causar emoções ou sensações de um tipo particular. Aumont e Marie comentam sobre a reivindicação artística que o cinema realiza. Segundo eles, “ao reivindicar, às pressas o status de arte, o cinema mostrava, novamente, se necessário fosse, o caráter arbitrário ou ao menos fortemente convencional dessas definições” (AUMONT; MARIE, 2006, p. 22). Quanto aos cineastas serem vistos de fato como artistas, afirmam que “tal asserção, outrora polêmica, se tornou quase sem sentido pela atribuição, inversamente, do status de artista a todo mundo, até mesmo aos diretores mais desprovidos de invenção pessoal ou de talento para as imagens móveis” (AUMONT; MARIE, 2006, p. 22), e compreendem que tudo pode, em algum momento, ser considerado arte, incluindo o cinema.

Acerca das discussões na área do cinema e pensando nas características que podem instituí-lo como arte, verifica-se, também, a necessidade de uma espécie de linguagem cinematográfica, como problematiza Marie (2014). Segundo o autor, a linguagem cinematográfica serviu para definir a existência do cinema como expressão artística, além de dar-lhe uma especificidade para além da literatura e do teatro. Esse ponto reforça, de certa maneira, a ideia de que uma especificidade foi buscada para que o





cinema não se desvencilhasse das outras formas de arte e também se estabelecesse como uma forma de manifestação que pode sim ser artística. No percurso analítico da iniciação científica, o filme *Ela*, do diretor Spike Jonze, que mostra a história do escritor Theodore que se apaixona por um Sistema Operacional de computador, Samantha, é tomado como material de análise discursiva, pelo método da Análise de Discurso materialista, buscando responder *como o discurso fílmico, como/pelo discurso artístico, significa a relação sujeito-arte-tecnologia e se significa nela/por ela*.

A escolha do material de análise, o filme *Ela* (2013), deu-se pela curiosidade e pelo interesse de saber mais sobre o cinema como manifestação artística, assim como sobre a relação sujeito-arte-tecnologia, visto que a produção traz uma história diferenciada, em termos de composição visual e fotografia, além do roteiro que, pela originalidade, rendeu ao filme a premiação do Oscar. Em entrevista à Janelle Riley, da revista *Variety*, Jonze declarou que começou a delinear a ideia do filme uma década antes, quando teve contato com a tecnologia do *Cleverbot* – inteligência artificial que, por meio de bate-papo via mensagens de textos na internet, consegue manter uma conversa coerente com seres humanos.

Resultados e Discussão

Na análise do filme, identificamos uma relação *retrô-futurista* e *futurista-retrô* que nos permitiu pensar acerca do imbricamento sujeito-arte-tecnologia. Observando o funcionamento discursivo dessa relação retrô-futurista e futurista-retrô, vemos que o filme faz conviver, ao mesmo tempo, sentidos impossíveis para o mundo lógico, normalizado e normatizado, ao colocar em relação objetos e características futuristas e retrô, como ocorre com o personagem Theodore, que tem um relacionamento afetivo com um Sistema Operacional. Relação essa que funciona, na perspectiva da espetação, como uma marcação praticamente representativa de um tempo futuro, como algo que pode vir a acontecer – tendo em vista o avanço tecnológico –, mas que, ainda, não seria possível – quase como se fosse uma ideia tecnológica avançada para a época, presente em um filme de ficção, no sentido de ser impossível como “realidade” naquele momento, mas que, em algum momento futuro, poderá vir a se realizar.

Essa relação entre futurista e retrô funciona a todo o momento no filme, de forma constitutiva dos sentidos, escapando do normatizado/normatizado, por mais que, para os sujeitos submetidos às regras do “mundo normal”, que funciona por relações lógicas, tudo precise ser justificado em termos de





coerência. Para Pêcheux (2008), por mais que os sentidos sempre tendam a ser administrados pelos sujeitos, conduzidos para uma direção supostamente desejada, escapam, deslizam, se movimentam.

Conclusões

Ao compreendermos que a produção cinematográfica analisada sustenta-se numa posição de *desestabilização* de sentidos que se estabilizam na sociedade, procuramos observá-lo, também, como discurso artístico. Sobre isso, Neckel (2010) esclarece que na perspectiva da AD¹, o dizer artístico se constitui de modo heterogêneo e os sentidos são produzidos por distintas posições-sujeito. Segundo a autora, tais condições de produção do sentido nos permitem chamar esses dizeres de Discurso Artístico (DA). Ao desestabilizar, os sentidos do que temos como “normal” e problematizar o que é “logicamente estabilizado” em termos de relacionamento afetivo e do próprio tempo-espço, lembrando da relação retrô-futurista e futurista-retrô, além da própria construção das cenas, cenário e roteiro, o filme *Ela* sustenta sua discursividade dando voz ao artístico.

Referências

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. 2. ed. Campinas: Papius, 2006

MARIE, Michel. Cinema e linguagem. In: AUMONT, Jacques et al. **A estética do filme**. 9. ed. Campinas: Papius, 2014. Cap. 4. p. 157-222.

NECKEL, Nádia. **Tessitura e tecedura**: movimentos de compreensão do artístico no audiovisual. 2010. 239 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 5. ed. Campinas: Pontes, 2008.

¹ Análise de Discurso.

